



APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

GÊNERO E JUSTIÇA SOCIAL NAS TRADIÇÕES BUDISTAS

Fernanda Marina Feitosa Coelho*
Patricia Guernelli Palazzo Tsai**

A Índia antiga, por volta do séc. V a.C. – tempo em que o Buddha histórico teria vivido – possuía como orientação social, política e religiosa a divisão em *varṇas*, classes sociais (que atualmente se tornaram mais rígidas e são chamadas de casta, *jāti*). Além da divisão social fundamentada em hierarquia pelo nascimento em um grupo familiar, outra forma de hierarquia e, portanto, de exclusão era relacionada ao papel das mulheres na sociedade.

O despertar do Buddha o levou à promoção de justiça social, a romper com a lógica do *status quo* de sua época e promover igualdade na comunidade que veio a construir. De lá para cá, o projeto iniciado pelo Buddha histórico sofreu diversas alterações, lideradas por comunidades que geraram diferentes e ricas tradições, que se desenvolveram em variados contextos sociais e políticos e algumas expressões sobreviveram ao tempo.

Neste contexto, as tensões entre aquisição e manutenção do poder e a continuidade da promoção de justiça social historicamente

* Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2022). Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Cruzeiro do Sul (2011). E-mail: femfcoelho@gmail.com

** Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas pela PUC-Campinas, Teologia Budista pelo Instituto Pramāṇa, e Teologia pela UCDB.



perpassa as discussões dos estudos budistas, e como toda religião tradicional, diversos ensinamentos do Buddha foram interpretados diferentemente quando do enfrentamento tanto de questões referentes à justiça social como para a construção de soluções relacionadas às questões de gênero.

Com a perspectiva de justiça social como norte, o campo dos estudos budistas retomou a tradição do questionamento do *status quo*, gerando dois campos férteis, o do Budismo Engajado ou Budismo Humanista e o campo dos estudos de gênero. Tendo a justiça social como temática transversal e que afeta as mais variadas expressões de gênero, o presente dossiê reuniu artigos, traduções e resenhas científicas que apontaram para as relações entre gênero, justiça social e Budismo no mundo e em especial no Brasil.

O dossiê *Gênero e Justiça social nas tradições budistas* já traz uma grande contribuição, tendo em vista a quantidade de autoras e pesquisadoras no assunto, e também traz vozes LGBTQI+. Não que a contribuição de outros pesquisadores não seja importante, mas no universo das pesquisas sobre Budismo, tanto no mundo quanto no Brasil, há um predomínio masculino do campo.

Dito isto, organizamos os artigos em três blocos centrais, reunindo sete artigos e uma resenha: lentes dialógicas que podem contribuir com o campo de gênero e justiça social; assimetrias de gênero e justiça social; e traduções de textos budistas que versem sobre ou tenham sido escritos por autoras. Introdução às discussões de gênero e justiça social.

O primeiro bloco do dossiê compreende artigos que propõem lentes pelas quais gênero e justiça social podem ser analisados e contribuições que partem de uma cosmovisão budista. O dossiê inicia com o artigo de Plínio Marcos Tsai, “Justiça Social, Budismo e Gênero pela Filosofia da Vacuidade Budista” aborda a interdependência e inseparabilidade entre gênero e justiça social. Na perspectiva da filosofia da vacuidade e no âmbito da hermenêutica contemporânea, o autor estabelece uma interface do diálogo entre o budismo e a justiça social que abre espaço para caminhos de superação de fundamentalismos e do modo niilista de pensar a realidade social e política.

Em seguida, o artigo escrito por Fernanda Marina Feitosa Coelho e Patricia Guernelli Palazzo Tsai, intitulado “Tathāgatagarbha: uma con-



tribuição às pesquisas de gênero sob a perspectiva budista Mahāyāna”. As autoras apresentam a noção de performance de gênero analisada a partir da interseccionalidade e que possibilita um diálogo entre a não substancialidade e a construção social das relações sexualmente dicotomizadas.

O tema dos sofrimentos femininos em um mundo misógeno é apresentado no primeiro artigo do bloco de discussões sobre assimetrias de gênero e justiça social, de autoria de Ethel Panitsa Beluzzi e Magda Loureiro Motta Chinaglia e intitulado “Uma reflexão sobre as desigualdades de gênero a partir da perspectiva do *sutta* budista *Āveṇikadukkhasutta* - Os cinco sofrimentos particulares das mulheres”. O texto aborda os elementos budistas que se opõem às estruturas e relações de poder que causam os sofrimentos das mulheres no contexto da cultura indiana antiga e também na sociedade contemporânea.

Depois, a tradução realizada por Átila Augusto dos Santos e Joe Coyle do artigo “Ser Buddha, Ficar Woke: Formação Racial na Escrita Budista Negra”, de autoria da Adeana McNicholl, da Universidade de Vanderbilt, nos EUA e com o título original “Being Buddha, Staying Woke: Racial Formation in Black Buddhist Writing” publicado no *Journal of the American Academy of Religion*. O artigo explora a relação de budistas negros e negras quando das relações com os ensinamentos budistas que permitem o empoderamento de sujeitos racializados em comunidades predominantemente heteronormatizadas.

Em seguida, o artigo escrito por Nirvana França, intitulado “O Patriarcado além das fronteiras: como o patriarcado se manifesta no cenário brasileiro e no tailandês” que traz a força do patriarcado em países culturalmente diversos, como o Brasil, com a maioria de sua população professando o cristianismo, e a Tailândia, um país majoritariamente budista Theravāda. A autora destaca a relevância da compreensão e aplicação do conceito de patriarcado para a desconstrução de relações de poder que reforçam desigualdades sociais.

Por fim, “Avatares e Realidade Virtual na fabricação de ficções alternativas: considerações budistas frente ao êxodo digital” do Felipe Donadon. O artigo é uma proposta de resposta aos sofrimentos da ansiedade e solidão em uma perspectiva relacionada ao tema da precariedade das moderações nos espaços virtuais, incorrendo em impactos



de ansiedade e solidão na experimentação sexualizada de gênero e na reprodução dos papéis de gênero meio aos padrões vigentes.

No terceiro bloco, temos a contribuição da Thaís Moraes Azevedo Maetsuka, intitulada “Tradução de Tissã do Therīgāthā: uma análise em perspectiva de gênero do poema”, evidenciando o papel do tradutor ou tradutora no apagamento ou destaque do feminino. A autora demonstra como isso pode aproximar ou afastar interpretações religiosas problemáticas.

O bloco e o dossiê terminam com a resenha feita pela Regina Harumi Sakuma, “Zen echoes: a consonância de vozes femininas na tradição Chan” sobre a obra de Beata Grant, com título original “ZEN ECHOES: classic Koans with verse commentaries by three female Chan masters”. A autora traduz para a língua inglesa as construções poéticas escritas pelas mestras budistas chinesas Chan (Zen) Miào zǒng 妙總, Bǎo chí 寶持 e Zǔ kǔí 祖揆. Sakuma evidencia a busca de Beata Grant em visibilizar a presença feminina de praticantes e mestras Chan e de suas produções significativas na tradição.

Como podemos ver, o campo dos estudos budistas no Brasil possibilita articulações importantes com os estudos de gênero, e ainda, contribuem com um diálogo e consenso entre tradições religiosas rumo à temática da justiça social e reparação de desigualdades. Que a leitura deste dossiê seja proveitosa e inspire mais pesquisadoras e pesquisadores a adentrar e ampliar este campo.

Desejamos uma boa leitura!